



ARTICLES/ARTIGOS/ARTÍCULOS/ARTICLES

Terenos - estado do Mato Grosso do Sul: um produto de múltiplas territorialidades no coração do Cerrado brasileiro

Doutor Edgar Aparecido da Costa

Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, *Campus* do Pantanal, Av. Rio Branco 1240, CEP: 79304-020, Bairro Universitário, Corumbá, Mato Grosso do Sul. E-mail: edgarac10@gmail.com

ARTICLE HISTORY

PALAVRAS-CHAVE:
Fronteira agrícola
Terenos-MS
Agricultura
Territorialidades

Received: 22 March 2011
Accepted: 24 June 2011

RESUMO

Terenos foi a primeira colônia de povoamento do antigo estado de Mato Grosso, tendo como característica principal a presença de uma grande quantidade de migrantes europeus, especialmente de alemães que chegaram a superar o quantitativo de brasileiros naquela localidade. Nosso objetivo é discutir as territorialidades dos migrantes no espaço agrário terenense, analisado no contexto da ocupação territorial do sul de Mato Grosso e descrever as transformações da paisagem rural daquele município, focando na Colônia Velha e na Colônia Nova. Utilizamos pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas e conversas informais com antigos moradores da localidade, além da técnica da observação das paisagens, aliadas da pesquisa participante. A migração europeia deixou algumas marcas que vão se perder caso não se tenha uma vontade política de resguardar um importante momento da história de ocupação do sul de Mato Grosso.

KEY-WORDS:
Agricultural Frontier
Terenos-MS
Agriculture
Territorialities

ABSTRACT – TERENOS – MATO GROSSO DO SUL STATE: A PRODUCT OF MULTIPLE TERRITORIALITIES IN THE HEART OF THE BRAZILIAN SAVANNA. Terenos was the first settlement colony of the old province of Mato Grosso, and its main characteristic was the presence of a great number of European migrants, especially Germans, whose numbers even surpassed the Brazilian ones in the location. Our objective is to discuss the territorialities of the migrants in Terenos agrarian space, analyzed in the context of the south of Mato Grosso territorial occupation, and to describe the transformations in the rural landscape of the city in the areas know as Colônia Velha (Old Colony) and Colônia Nova (New Colony). Bibliographical and documental researches were realized, with interviews and informal talks with the old

inhabitants of the place, beyond the landscape observation technique allied to participative research. The European migration let some marks that will be vanished unless there is political will to protect this important historical moment of the south of Mato Grosso occupation.

PALABRAS-CLAVES:

Frontera agrícola
Terenos-MS,
Agricultura
Territorialidades

RESUMEN – TERENOS - PROVINCIA DEL MATO GROSSO DO SUL: UN PRODUCTO DE MÚLTIPLES TERRITORIALIDADES EN EL CORAZÓN DEL CERRADO BRASILEÑO. Terenos fue la primera colonia de povoamento de la antigua provincia de Mato Grosso, teniendo como característica principal la presencia de una gran cantidad de migrantes europeos, especialmente de alemanes, que llegaron a superar el quantitativo de brasileños en aquella localidad. Nuestro objetivo es discutir las territorialidades de los migrantes en el espacio agrario terenense, analizado en el contexto de la ocupación territorial del sur de Mato Grosso y describir las transformaciones del paisaje rural de aquel ayuntamiento, enfocando en la Colonia Vieja y en la Colonia Nueva. Utilizamos pesquisa bibliográfica y documental, entrevistas y conversaciones informales con antiguos habitantes de la localidad, además de la técnica de la observación de los paisajes, aliadas de la pesquisa participante. La migración europea dejó algunas marcas que van a perderse caso no se tenga una gana política de resguardar un importante momento de la historia de ocupación del sur de Mato Grosso.

1. Introdução

A geografia das ocupações territoriais e o avanço pelas fronteiras agrícolas são importantes páginas a serem contados de modo a perpetuar fatos, detalhes próprios de um período, das tecnologias disponíveis. O colono é um desbravador cuja coragem e arrojo se compara, guardadas as proporções, aos grandes empreendedores. O risco e a incerteza caminham juntos com a ocupação de novas terras. As dificuldades são inúmeras: apoio de serviços de saúde, educação, deslocamentos, infraestrutura, etc.

Este artigo deseja recuperar uma importante parte da história que ainda não foi contada sobre o estado de Mato Grosso do Sul e o processo de ocupação desse território. Terenos foi a primeira colônia de povoamento conduzida pelo governo regional no antigo Mato Grosso, após o fracasso da ação de uma colonizadora, tendo como característica marcante a presença de colonos vindos de diversas partes da Europa.

Assim, nosso objetivo é discutir os reflexos das múltiplas territorialidades na produção do espaço agrário terenense, especialmente dos colonos vindos da Europa, no contexto da ocupação territorial do sul de Mato Grosso. Também descrever as transformações da paisagem rural daquele município, olhando mais atentamente para as colônias Velha e Nova, pois foram os espaços privilegiados pelas primeiras ocupações naquele território.

Sentimos a necessidade de trazer uma breve contextualização da ocupação do sul de Mato Grosso para melhor entendimento do processo de ocupação e colonização de Terenos e as mudanças ocorridas em seu espaço agrário. Por fim, procuramos apontar algumas marcas deixadas no espaço rural das colônias Velha e Nova, fruto dos vários usos do território.

2. Material e Métodos

Esse artigo é produto de dois momentos distintos: da pesquisa aplicada desenvolvida durante a construção da dissertação de mestrado¹ e da observação das mudanças, em campo, realizadas em 2010 e início de 2011. Durante as pesquisas para a dissertação entre 1996 e 1998 foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais para a construção do arcabouço histórico do município e do Estado de Mato Grosso naquele período. Também foram realizadas duas entrevistas: uma com José Martins de Almeida, descendente dos mineiros, e outra com Carlheinz Haberland (conhecido localmente como “Seu Carlos”), descendente direto dos alemães². Também foram utilizadas várias conversas informais com personagens da ocupação territorial de Terenos: alemães, búlgaros, japoneses, cearenses, catarinenses e “os pretos” (denominação local aos migrantes negros da Colônia Nova).

O procedimento adotado nas entrevistas foi ao estivo da história oral, onde os entrevistados foram provocados a contar a história da colonização e as dificuldades enfrentadas ao longo dos tempos, bem como as conquistas. Essa pesquisa não conseguiria atingir os resultados desejados sem a contribuição dos dois principais entrevistados mencionados. José Martins de Almeida nos apresentou à muitos dos colonos e acompanhou várias conversas com os antigos moradores. Por sua vez, “Seu Carlos” emprestou um caderno de anotações sobre a colonização de Terenos muito rico em detalhes. Naquele tempo (1998) ele ainda escrevia sobre as festas que os alemães organizavam na Associação e muitas particularidades que não quis revelar para resguardar sua publicação futura. O falecimento impediu a conclusão da obra e com ele se foram várias páginas da história da Colônia Agrícola de Terenos.

À pesquisa - inédita, porém desatualizada em algumas informações – foram incluídos dados recentes do IBGE e frutos da observação *in loco*. Nesse sentido, foi utilizada a pesquisa participante, já que o autor é nascido na Colônia Nova, no município de Terenos, onde seus pais habitam numa pequena propriedade rural de 27 hectares. Desta forma, foi possível participar da fase final do ciclo do arroz, das tentativas com algodão, milho e soja, bem como acompanhar de perto a experiência com a produção de frango de granja e a consolidação da pecuária.

Portanto, trata-se de uma pesquisa descritiva dividida em dois momentos principais: 1996-8 e 2010-1. Isso não significa que houve um hiato entre os períodos, uma vez que o pesquisador percorreu a localidade por todos esses anos que separa uma observação da outra. Utilizamos a ferramenta *Google Earth* para tentar produzir a imagem mais próxima possível do desenho agrário do passado da Colônia Agrícola. Não buscamos precisão, apenas uma representação aproximada, pois não se dispunha do mapa da colonização.

3. A ocupação da porção sul de Mato Grosso

Antes de compreender a formação histórica de Terenos, é importante apresentar uma visão sobre a ocupação da porção sul de Mato Grosso - contexto no qual o município está inserido - facilitando o entendimento do seu processo de colonização.

¹ Dissertação de mestrado em Geografia, apresentada na UNESP, campus de Presidente Prudente-SP, no final de 1998, sob o título: “A integração da pequena produção familiar de Terenos - MS às agroindústrias abatedouras de frango”. Pesquisa desenvolvida com bolsa do CNPq.

² Ambos, falecidos pouco tempo depois da defesa da dissertação, motivo pelo qual ainda não havia publicado esse artigo e aos quais dedico essa reflexão textual. O primeiro dos entrevistados foi meu avô materno e o segundo, um grande amigo e primeiro treinador do time de futebol amador, o Esporte Clube Central, da Colônia Nova.

Até o primeiro quartel do século XX a porção sul de Mato Grosso tinha sido pouco ocupada, especialmente porque as bandeiras paulistas encontraram pedras preciosas (ouro e diamante) no norte do estado. Os poucos povoadamentos eram geralmente de natureza militar, às margens de vias fluviais a fim de facilitar os deslocamentos populacionais e de mercadorias. A vida econômica se agitava em torno da casa comercial.

A casa comercial foi um importante elemento no processo de ocupação do Mato Grosso. Não era apenas um entreposto de mercadorias e capitais. Conforme argumenta Alves (1984), envolvia também um eficiente sistema de informações sobre o mercado brasileiro e internacional, além de perspectivas econômicas regionais e dados sobre a população. Alves (1984, p.37) descreve que essas casas:

Exerciam o monopólio do comércio de importação; controlavam boa parte do comércio de exportação; dispunham de 'secções bancárias' que, além de empreenderem operações próprias, funcionavam como intermediárias de bancos nacionais e estrangeiros; representavam companhias seguradoras; incorporavam indústrias; e apropriavam-se de terras para explorar a pecuária, a agricultura e a extração de produtos vegetais e minerais.

Nesse sentido, é possível afirmar que a casa comercial foi um elemento acumulador de capital nessa região e, ao mesmo tempo, um importante instrumento do capitalismo imperialista inglês que procurava estabelecer relações comerciais em diversas partes do globo. Essas casas compravam a produção local e revendiam mercadorias diversas e produtos importados da Inglaterra.

Entretanto, a influência maior da casa comercial aconteceu mais para o norte. O sul era motivo de constantes disputas entre portugueses e espanhóis, tanto que Albuquerque (hoje Corumbá), fundada em 21 de setembro de 1778, além de Miranda (antigo presídio militar) e Nioaque tinham claras intenções de postos de defesa militar desse território e Apenas posteriormente houve um aumento do seu povoamento (TOLENTINO, 1986).

Somente a partir da segunda metade do século XIX é que ocorreu um incremento populacional na porção sul do Mato Grosso, mais precisamente após a Guerra do Paraguai (1864-70). A partir de Figueiredo (1968) é possível apontar alguns fatores que contribuíram para tal:

a) o contato com esse território por parte dos combatentes durante a Guerra do Paraguai teria atraído para esses lados, principalmente, os gaúchos, devido à semelhança dos campos sul-mato-grossenses com a paisagem fronteira sul-riograndense;

b) a *Revolução Federalista* no Rio Grande do Sul (1893-5) entre os *pica-paus* (ou *chimangos*) - herdeiros políticos dos liberais moderados e partidários do governo republicano - e os *maragatos* - que se opunham àquele governo, sendo constituídos por federalistas partidários do sistema parlamentar. Com a derrota desses últimos houve muita perseguição aos mesmos, que teria levado muitos *maragatos* a emigrarem do Rio Grande do Sul³;

c) a presença de eixos fluviais formados por rios constituintes da bacia do Prata, favorecendo acesso a essa região;

d) o baixo valor dessas terras.

Existiam ainda outras perspectivas, como a concessão de exploração pelo governo estadual em função da imensa quantidade de áreas devolutas. Outra possibilidade,

³ Cf. o Capítulo 12 de Linhares (1969).

contraditoriamente, era a *grilagem*⁴ de terras, em função das vastas áreas ocupadas pelas concessões, como foi o caso da Companhia Matte Larangeira. Thomaz Larangeira conseguiu monopólio para exploração da erva-mate, em 1894, de praticamente todo o sul do estado.

Para Tolentino (1986) o fato dinamizador do processo de ocupação do sul de Mato Grosso foi a Guerra do Paraguai. A partir daí houve grande deslocamento de pessoas (gaúchos, principalmente) para trabalhar no cultivo da erva-mate, mas também o estabelecimento da pecuária de gado bovino nestas áreas, dinamizando sua ocupação e a aglomeração urbana, criando ou ampliando povoados.

Procurando ver a ocupação do sul mato-grossense sob um enfoque mais econômico, preocupado com os reflexos da transferência do centro polarizador para São Paulo e a reorganização do espaço nacional a partir daquela cidade, Alves (1984) destaca que a Guerra do Paraguai foi de importância vital para manutenção do imperialismo inglês na América do Sul. Com a derrota do Paraguai as mercadorias inglesas penetraram por toda via de circulação da bacia platina, alcançando o Mato Grosso. Por outro lado, não custou nada para a Inglaterra. Ao contrário, ela ainda lucrou. Argentina, Brasil e Uruguai quando precisaram de armas e equipamentos de guerra encontraram financiamento fácil nas casas Bharing, Rothschild e no Banco de Londres. O fim da guerra marcou um grande endividamento desses países com a Inglaterra.

Da mesma forma, Pomer (1968) faz um estudo detalhado da ação do imperialismo inglês na região da bacia do Prata, tendo como base a influência direta da Inglaterra e das casas financeiras inglesas na Argentina. Ele observou um endividamento crescente do país platino sendo manipulado economicamente pelos mesmos agentes que atuaram no Brasil: o Banco de Londres e as casas Bharing e Rothschild.

Mais tarde, praticamente meio século depois, iniciava-se um maior afluxo de paulistas para a porção sul do Mato Grosso, que Figueiredo (1968) entendeu como resultado do esgotamento da frente paulista e paranaense ligada à plantação de café. Corroborando com essa perspectiva, Goodman (1978, p.308) chamou atenção para o fato de que o norte do Paraná fora fronteira agrícola durante os anos 1940 e 1950 baseados na rápida expansão cafeeira e utilização maciça de mão de obra. Portanto, um significativo número de pessoas de outras partes do país (principalmente nordestinos) haviam se encaminhado para aquela direção. Assim, muito desses migrantes para o sul de Mato Grosso poderiam ser nordestinos, comprovando a idéia e trajetória circular dos fluxos migratórios que, infelizmente, é mascarada nos dados censitários.

Tem-se, portanto, uma ocupação inicial vinda de duas frentes: uma do sul, composta por gaúchos e paraguaios e outra do leste, formada por paulistas - em sua maioria - mas também paranaenses (e entre esses os nordestinos), mineiros e goianos. Obviamente, esse fluxo populacional vindo do leste deveu-se muito à construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - NOB. Terenos foi resultado da frente vinda do leste, inicialmente com os mineiros e com grande influência da NOB.

A construção da NOB não deve ser entendida apenas no âmbito da estratégia geopolítica de ocupação da porção sul do Mato Grosso, mas também geoeconômica. Seu projeto original de construção previa a ligação de São Paulo à capital do Estado na época (Cuiabá) e não a Corumbá, como de fato ocorreu.

As proposições sobre construção de uma estrada de ferro que penetrasse nessa região datavam, ainda, do século XIX. Porém, somente em 1905 é que foi aprovado o traçado de Gonzaga de Campos que pretendia ligar a capital do Mato Grosso a Bauru e, conseqüentemente, Santos. Em 1907 essa proposta foi trocada pelo projeto de

⁴ “Forma usada por pessoas ou grupos interessados em expulsar os *posseiros* da terra” (GIOVANNETTI; LACERDA, 1996, p.96-7).

Emílio Schnoor que, segundo Azevedo (1950, p.109) “[...] sugeriria o deslocamento dessa linha para Corumbá, a fim de atender melhor o nosso convênio político com a Bolívia e ao plano continental de um ferro-carril do Atlântico ao Pacífico”.

A colonização caminhou lado a lado com a ferrovia e a transferência do centro econômico regional, também. Estações ferroviárias foram construídas em locais sem nenhum povoamento expressivo de brancos. Em vários pontos foram surgindo pequenos núcleos urbanos que logo atraíram mais pessoas – as chamadas *bocas do sertão*, lembradas por Azevedo (1950). A ferrovia foi, sem dúvida, um dos principais fatores da migração para essas áreas. E ainda, segundo Alves (1984), foi uma das grandes responsáveis pela decadência da casa comercial.

Corrêa Filho (1969, p.113) esclarece que após a construção da ferrovia “Estabeleceu-se nova corrente migratória, como sucedia na era das monções, constituídas não somente de paulistas, mas também estrangeiros, que se internam além do Paraná.” É importante lembrar que as monções podem ser consideradas como um tipo de bandeirismo, que partia sempre de São Paulo em direção às áreas mineradoras de Mato Grosso e Goiás pelos rios e, sobretudo, na época das cheias.

As obras da estrada de ferro partiram de duas frentes: uma de Porto Esperança, a oeste, e outra de Jupiá, a leste, após atravessar o rio Paraná como inflexão da Estrada de Ferro Itapura que se dirigia para a margem direita do rio Tietê, logo adiante de Araçatuba, como atesta Corrêa Filho (1969). Iniciada em maio de 1908, essa obra foi concluída em 6 de setembro de 1914.

Na visão de Azevedo (1950), além de um empreendimento estratégico (permitindo ao governo federal levar suas ações política e militar até as fronteiras meridionais e ocidentais do país) e internacional (previa a ligação do oceano Atlântico ao Pacífico), a ferrovia propiciava a abertura de uma via de escoamento do café para o porto de Santos. Já se vislumbrava, assim, a possibilidade de deslocamento dessa cultura para o interior quando do esgotamento da frente de cultivo original.

A ferrovia impulsionou definitivamente o *sertão*. Cidades que estavam às suas margens foram *animadas* e experimentaram um rápido crescimento. Aquidauana, Miranda e principalmente Campo Grande, mas ainda Três Lagoas, Água Clara e Ribas do Rio Pardo, segundo Corrêa Filho (1969) *saltaram para o progresso*. Mesmo localidades que não margeavam os trilhos foram impulsionadas, como Dourados, Rio Brillhante, Bonito e Camapuã. Aumentaram significativamente as transações comerciais e as terras foram valorizadas. O sul do Estado articulou-se rapidamente a São Paulo. Conforme Azevedo (1950), apesar de todo o dinamismo, as mudanças operadas no Mato Grosso pelo estabelecimento dos trilhos foi bastante inferior às verificadas no trecho paulista.

Terenos é, portanto, resultado de uma estratégia geopolítica de ocupação territorial conduzida pelo Estado, mas, sobretudo do contexto de integração econômica com o novo eixo polarizador da economia nacional daquele momento: São Paulo-Santos. Em outras palavras, quando a burguesia paulista assume o comando da economia nacional procura estabelecer laços comerciais com os diversos pontos do território brasileiro, passando assim a comandar a divisão territorial do trabalho no país.

4. A ocupação e colonização de Terenos - MS

O município de Terenos está localizado na porção central do estado de Mato Grosso do Sul (Figura 1), cuja cidade sede se encontra a cerca de 20 km da capital Campo Grande. Com uma população em torno de 17.162 habitantes em 2010, ainda possui 42% da população residindo na área rural (IBGE, 2011c). Neste principiar do século XXI, a pecuária tem sido a principal atividade econômica, mas nem sempre foi assim. Terenos já foi o maior produtor de arroz do antigo estado do Mato Grosso (uno) e teve nas atividades agrícolas fortes influências de agricultores europeus.

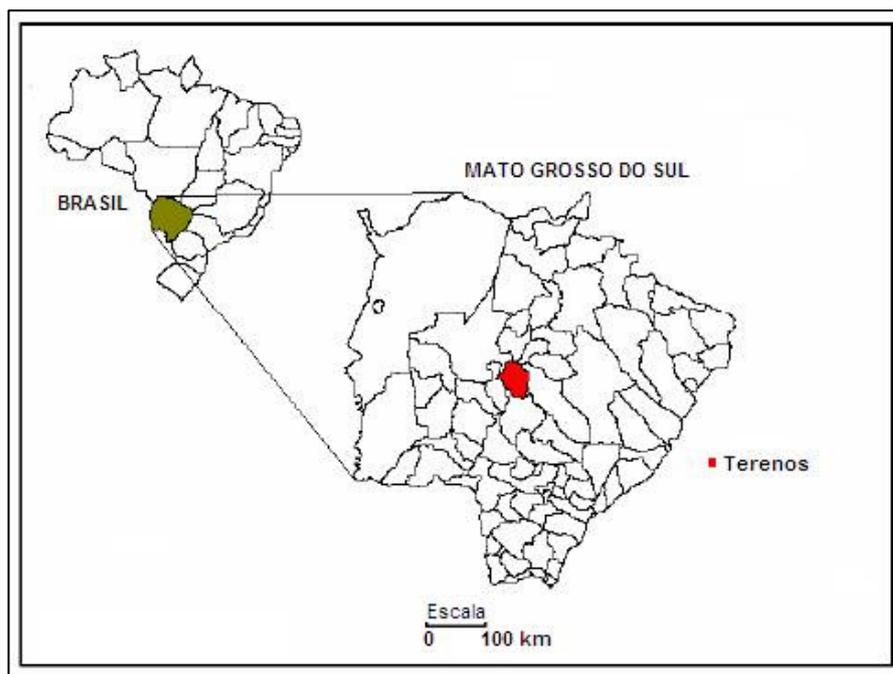


Figura 1. Localização do município de Terenos-MS (Fonte: Kanazawa, 2002, p.73).

Até o início do século XX Terenos era uma área de florestas e vastos cerrados. Aquele *sertão inóspito* era vagamente ocupado pelos índios da tribo Terena que, segundo Corrêa Filho (1969), seria a representante mais meridional das tribos de língua Aruak. Para o autor, até o século XVIII estes índios habitavam a região do Chaco, vindo dali para o Brasil. Eram de índole pacífica e por isso não sofreram as mesmas reduções aniquiladoras dos Guaicuru e Paiaguá, dedicando-se ao cultivo de vários produtos agrícolas, como milho, mandioca, batata-doce, banana, feijão e amendoim, além da caça e da pesca. Aceitaram de bom grado o contato com o colonizador branco, até que fundaram a aldeia Bananal, localizada a aproximadamente 4 km da estação de Taunay, da NOB, onde foi demarcada sua reserva.

A ocupação pelos brancos se firmou após 1914, com a inauguração da estação ferroviária e telegráfica. Outro fator decisivo para uma ocupação mais efetiva foi a atuação de companhias de colonização, a partir de 1920. Terenos foi a primeira experiência de colonização pública dirigida no Mato Grosso. Não foi, porém, a única, podendo ser lembrada, entre outras, as seguintes:

- . na segunda metade da década de 1920 surgiram duas colônias alemãs em Miranda - a Furrial Pires e a Bocaina, que se tem poucas informações;
- . em 1930, a colônia Municipal de Bandeirantes, gerida por Campo Grande;
- . em 1943, a Colônia Agrícola Nacional de Dourados - CAND;
- . em 1942 a colonização BATA criou Bataguaçu e em 1953, Bataiporã;
- . na década de 1950 a Colonização Moura Andrade criou Nova Andradina;
- . em 1957 a SOMECO - Sociedade Melhoramentos e Colonização - fundou Ivinhema.

Praticamente todas, excetuando as primeiras, foram destinadas a brasileiros possuindo um pequeno percentual de estrangeiros. Terenos, ao contrário, tinha uma maioria estrangeira, principalmente alemã. Entretanto, a história de ocupação de população *branca* do município não se iniciou com a criação da estação telegráfica ou com a colonizadora – esses eventos apenas dinamizaram esse processo. Antes disso já iniciara a ocupação daquelas terras com os mineiros.

O estabelecimento da estação, além dos motivos geopolíticos anteriormente propostos, pretendia a captação de gado bovino e madeiras do local. Até então, havia poucos moradores, dispersos pelas redondezas. Segundo José Martins de Almeida (informação oral), antes de 1920 já existia em Terenos uma serraria motorizada, pertencente a um português chamado Manoel Tomé. Também havia chegado naquelas proximidades um grupo de mineiros, entre os quais a família de seu bisavô, Francisco Martins Honostório.

Esses mineiros chegaram ao solo terenense no ano de 1882, estabelecendo-se no local hoje conhecido como Fazenda Benfica. Saíram de carro de boi do Triângulo Mineiro, demorando pouco mais de quatro meses para chegar à localidade. Foram os primeiros habitantes brancos de que se tem notícia e essa é uma das famílias mais numerosas e tradicionais de Terenos, tendo muitos de seus descendentes ainda residindo no município. Também é anterior a 1900, a presença da família Bispo da Silva, constituída por negros e que até hoje possuem numerosos descendentes na região, mas pouco se sabe de sua verdadeira origem. Neste principiar do século XXI foram reconhecidos como comunidade quilombola, adotando a denominação de “Os Pretos”.

É salutar destacar que a terra era abundante em Terenos, como em qualquer outra área de fronteira agrícola do país. Segundo José Martins de Almeida (informação oral), por volta da virada e nos princípios do século XX era concedido, pelo governo, uma gleba de até uma légua, ou seja, 3.600 ha a cada *registro* que se estabelecesse na região.

O *registro* era uma representação utilizada, naqueles tempos, para expressar a posse da terra. O processo se desenvolvia da seguinte forma: o interessado em adquirir uma propriedade chegava em determinado local, limpava uma pequena área e fincava quatro esteios, travando-os no alto, assumindo a impressão do início da construção de uma casa. Isso representava que aquela área já pertencia a alguém, não podendo ser confiscada por outro interessado. O passo seguinte era demarcar os limites da propriedade. Então contratava-se um engenheiro para fazer as medições, levando o resultado para apreciação do governo do Estado de Mato Grosso. Se a gleba pretendida tivesse área inferior a uma légua era doada ao interessado. Se, contudo, superasse esta marca, esse deveria pagar ao Estado pela diferença.

Essa prática era bastante comum sendo que uma família numerosa poderia fazer mais de um *registro* desde que em nome de filhos diferentes. Foi assim que uma imensa porção do município de Terenos pertenceu aos mineiros da família Rezende por longa data. Sendo que alguns deles ainda mantêm suas propriedades nos dias atuais.

O fim da prática dos *registros* se deu somente em 1908, quando o governo proibiu a emissão de qualquer título de propriedade de terra numa faixa de 10 km das margens da futura estrada de ferro que cortaria a região. Alegava-se que essas terras devolutas seriam motivo de colonização a ser conduzida pelo governo que de fato aconteceu na segunda década do século XX.

Em 15 de julho de 1920, o governo estadual celebrou contrato com a Sociedade Territorial Sul Brasileira - H. Hacker & Cia -, uma empresa alemã, visando o assentamento de imigrantes em Terenos. O Decreto n. 532, de 28 de outubro de 1920 ratificou o acordo anterior, concedendo a H. Hacker & Cia, 500 mil hectares de terras ao norte da linha férrea. A única obrigatoriedade da companhia seria instalar colonos no local determinado.

A empresa colonizadora, ao demarcar os lotes próximos à estação, procurou atrair imigrantes europeus para a localidade, mas exigindo pagamento por hectare (25\$000 réis, na época). Tal fato, aliado ao frágil mercado consumidor existente resultou no fracasso do empreendimento, tanto que até 1924, a empresa conseguira instalar apenas duas famílias, das quais somente a do austríaco Gustavo Pelz (vinda do Paraná), permaneceu no local.

O não cumprimento do contrato implicou na suspensão do mesmo através do Decreto n. 659, de 27 de fevereiro de 1924. O referido Decreto alegava que a empresa colonizadora não havia realizado a colonização sequer do primeiro núcleo, além de seu representante ter abandonado a direção dos serviços e também por a colonizadora não ter contribuído com a quota destinada à fiscalização, em 1923. Em consequência, foi transferida ao município de Campo Grande a responsabilidade pela colonização. Assim, em 8 de maio de 1924⁵ foi criada a Colônia Agrícola de Terenos.

A partir de então, a Intendência Geral de Campo Grande, sob o comando de Arnaldo Estevão de Figueiredo, oferecia ao colono que se estabelecesse em Terenos casa de madeira coberta de telha, ferramentas agrícolas, além de alimentação e manutenção por dois anos. Entretanto, segundo Haberland (s.d., não paginado), somente as primeiras famílias que chegaram em 1924 receberam tal ajuda. Seus pais, juntamente com outras 13 famílias que chegaram em 1926, além do lote que variava de 20 a 35 ha, receberam apenas algumas ferramentas agrícolas, um maço de pregos e um rolo de arame. Afirmou ainda que para sobreviver, muitas esposas e filhas dos colonos se empregavam como doméstica em Campo Grande.

Muitas famílias que haviam sido assentadas foram embora, especialmente os alemães, atraídos pelas notícias de recuperação econômica da Alemanha na década de 30, com a ascensão de Hitler. Outros se dirigiram para São Paulo e Campo Grande e em menor número, Paraná e outros Estados. Mesmo assim, no final de 1926, conforme a Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1958, p.301), existiam 454 habitantes na colônia. Dentre estes, havia 44 famílias alemãs, 21 brasileiras, 7 búlgaras, 5 polacas, 5 húngaras, 3 espanholas, 3 portuguesas, 2 austríacas, 2 russas, 2 paraguaias, uma japonesa, uma síria e uma lituana (Figura 2).

A figura 2 ilustra, de forma bastante clara, a presença dos imigrantes na composição étnica do Município de Terenos, destacando o predomínio dos alemães que procediam, geralmente, dos cafezais de São Paulo ou Paraná. Havia deixado a Alemanha após a Primeira Guerra Mundial atraídos pelas propagandas que mostravam a abundância de terras e exaltavam as facilidades para a vinda ao Brasil.

⁵ Data comemorativa do aniversário de Terenos. Em 08 de maio de 1924, criou-se a Colônia Agrícola de Terenos, que corresponde à atual Colônia Velha. Fala-se, na Prefeitura Municipal em mudar o aniversário da cidade para 11 de dezembro, data alusiva a emancipação do município em 1954. O atual mandato observa as duas datas como oficiais. Outra data importante foi 06 de setembro de 1914, quando se deu a instalação da estação ferroviária e telegráfica da NOB, dinamizando, a partir daí, o crescimento da cidade.

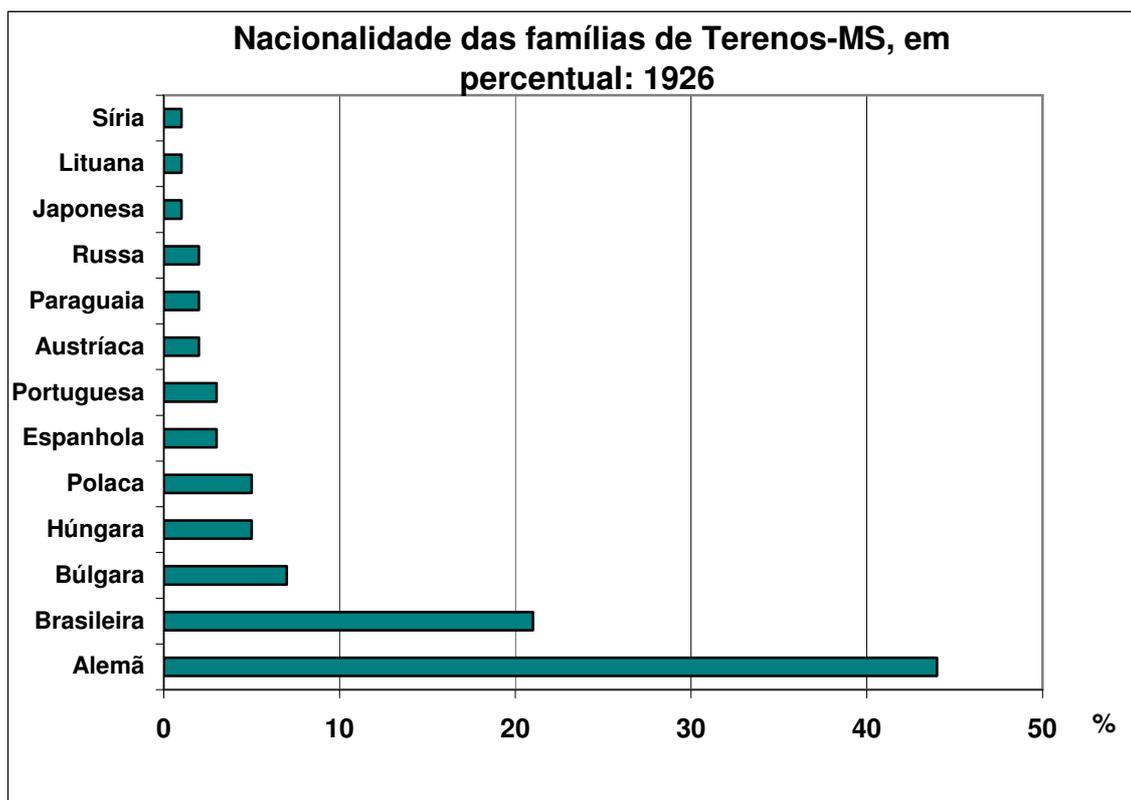


Figura 2. Nacionalidade das famílias moradoras no município de Terenos-MS, em 1926.
Fonte: Dados extraídos da Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1958, p.301).
Org. pelo autor.

Mais tarde, porém, outros colonos passaram a deixar a zona rural em direção às cidades. Mas aí não foram apenas os estrangeiros. Muitos proprietários, em geral, independente da nacionalidade, venderam suas terras e foram tentar a sorte nas cidades de Campo Grande e Terenos principalmente. Entretanto até 1930, mais chegavam do que saíam imigrantes dispostos a estabelecer propriedade na zona rural de Terenos. Prova disso foi a criação de outra colônia imediatamente ao norte da primeira.

Entre 1931 e 1932, outra porção de terras foi *cortada* e transformada em pequenas propriedades, passando a ser denominada de Colônia Nova, cujos lotes variavam entre 20 e 60 ha. Também dedicava-se principalmente ao cultivo de arroz. Porém, essas terras não tinham a mesma fertilidade natural que as da Colônia Agrícola de Terenos que passou, a partir daí, a ser chamada de Colônia Velha. Eram terras arenosas e vários lotes não eram drenados por nenhum curso d'água.

O processo de ocupação da Colônia Nova diferiu muito da anterior. A constituição desta colônia se deu em função dos inúmeros invasores de terra que haviam se estabelecido no local, pois até então, o mesmo não fora motivo do *registro* de ninguém. Eram, portanto, terras devolutas situadas, em sua maioria, entre as duas estradas de chão que cortam a região, partindo de Terenos-MS em direção ao rio Aquidauana.

Muitos desses *posseiros* eram oriundos dos cafezais campo-grandenses, principalmente os baianos. Outros, como os gaúchos, já haviam tentado a sorte em regiões próximas: Miranda e Rio Negro. Os alemães foram atraídos pela fama da produção rizícola de Terenos e pela presença de inúmeros conterrâneos no local. O grupo de índios Terena já estavam ali há muito tempo, sem, contudo,

estabelecimento fixo em função de seu nomadismo. Foram eles que, utilizando apenas enxades e machados, construíram parte da estrada da Colônia Velha, no trecho de aproximadamente 3 km que ligava a Diretoria da Colônia até a estação ferroviária (informação oral).

A doação de terra da Colônia Nova se deu pelo Decreto Estadual n. 343 de 12 de março de 1934, quando foram entregues os títulos provisórios de propriedade da terra, cerca de três anos depois do loteamento. Em 18 de agosto de 1937, foram emitidos os títulos definitivos. Os lotes foram doados apenas a colonos que cumprissem as exigências do Decreto n. 885 de 22 de outubro de 1929. De acordo com o título de propriedade dos representantes da tribo Terena que ainda conservam o lote original, o colono poderia perder a propriedade:

- a) si o colono ausentar-se do núcleo ou abandonar o lote por mais de um ano, sem deixar preposto algum:
- b) si o colono tornar-se elemento indesejável no núcleo, por sua má conduta, ociosidade ou propaganda de idéias subversivas da ordem social:
- c) si o colono no segundo e terceiro anos nas épocas próprias não tiver aproveitado em culturas adequadas ao terreno sem exclusão das necessárias e essenciais à sua alimentação tantos hectares quantos forem necessários para, em adição à parte cultivada no primeiro ano, perfazer, pelo menos, a metade da área de cultivo no lote⁶.

Dessa forma, com a criação da Colônia Nova, foram inaugurados mais 65 novos lotes rurais, ampliando, portanto, o número de pequenas propriedades historicamente constituídas no município. Pode-se dizer que o desenho fundiário de Terenos, até o final da Segunda Guerra Mundial, era assim configurado: ao longo de 25 km entre as duas estradas (numa largura variável entre 1 e 2 km) que cortam a região em direção ao rio Aquidauana, estavam as pequenas propriedades estabelecidas pelos loteamentos das colônias Velha e Nova, margeadas por latifúndios oriundos do requerimento de posse a partir dos antigos *registros* e terras devolutas (Figura 3). A Colônia Velha excedia, em alguns trechos, as margens das referidas estradas, especialmente nas proximidades do atual sítio urbano.

Aos poucos esse espaço foi se modificando, tendo as matas desbravadas e o rico solo, tão enaltecido em outros estudos⁷, passou a receber as primeiras sementes de arroz, milho e feijão. Nessa perspectiva procurar-se-á demonstrar as transformações quanto ao cultivo do solo e da paisagem, ocorridas no espaço agrário terenense.

O espaço tornado território de Terenos, especialmente de suas colônias Velha e Nova, é produto de múltiplas territorialidades. Lembramos as territorialidades do Estado através da indução a partir de políticas públicas e de incorporação de infraestruturas no meio ecológico. A territorialidade dos indígenas da tribo Terena que percorreram o espaço pioneiro de Terenos, imprimindo poucas marcas na paisagem natural antes da chegada dos *brancos*. Também a dos mineiros e dos "Pretos" que repartiram, primeiramente, o espaço rural, criando seus territórios através dos *registros*. E dos migrantes induzidos pela criação da Colônia Agrícola de Terenos que moldaram o novo território a partir de seus conhecimentos trazidos dos locais de origem, mas adaptados no novo local de moradia.

Estamos entendendo, assim, as territorialidades como estratégias para uso do território, mas também, como um produto do mesmo território, nos aproximando

⁶ Extraído do título de propriedade cedida aos índios Terena que habitam a Colônia Nova, em Terenos-MS.

⁷ Haberland, s.n.t.; Enciclopédia dos Municípios, 1968; e Ribeiro, 1993.

assim, da visão de Saquet (2007). As territorialidades são construídas pela mediação com a organização do ambiente de sua manifestação, carregadas de relações de poder (RAFFESTIN, 1993; SAQUET, 2007). Ao mesmo tempo, são elas que produzem ou alteram as formas, que dotam os territórios das intencionalidades/racionalidades dos seus agentes territoriais.

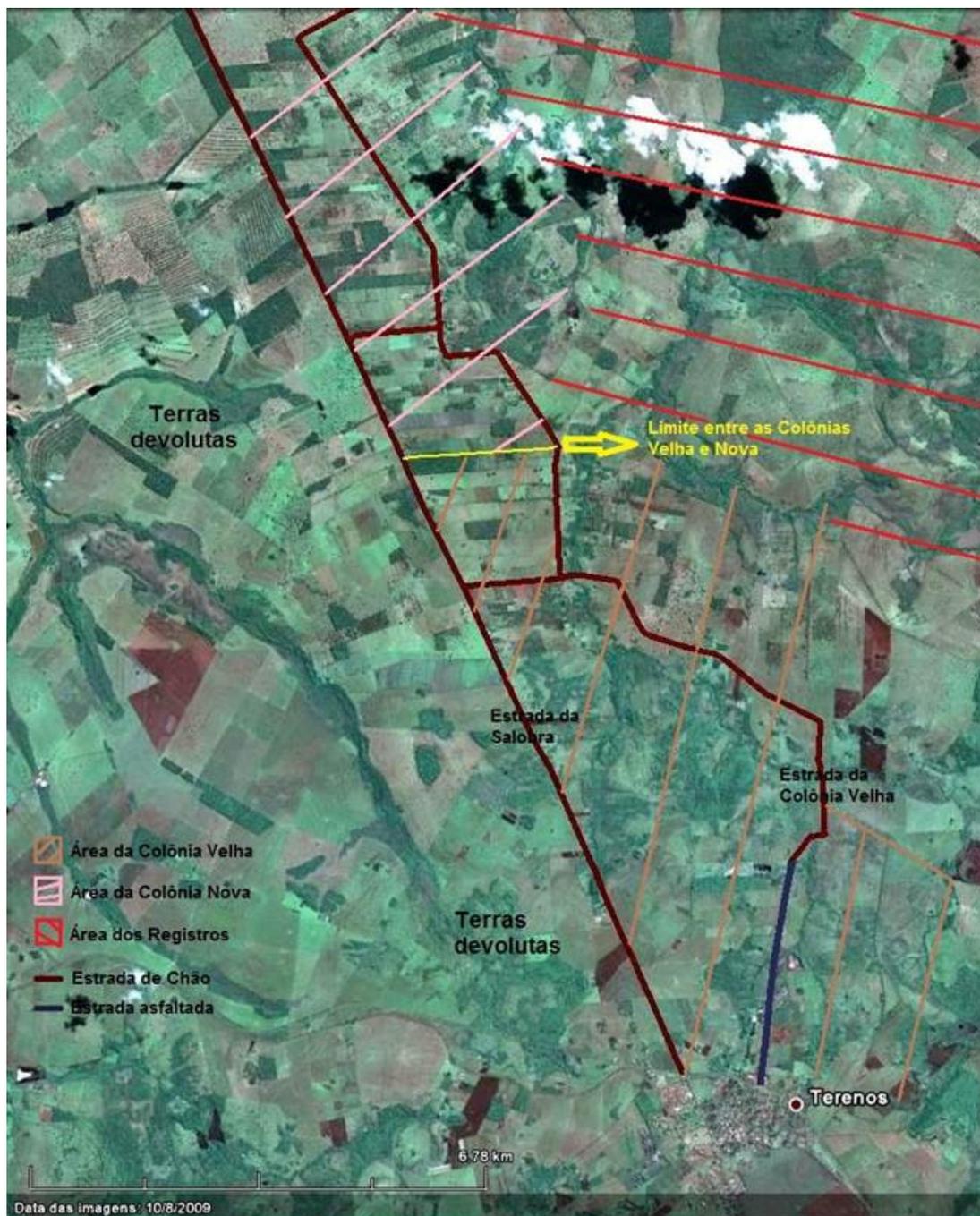


Figura 3. Esboço do desenho fundiário de Terenos-MS em 1940.
Autor: Costa, E.A., 2011.

5. As mudanças no espaço agrário Terenense

Verdes matas cobriram-te outrora
E por elas o índio andou
Arrozais embelezam-te agora
Que a mão do imigrante plantou. (Trecho do Hino a Terenos).

O Hino municipal aponta a utilização do espaço terenense por indígenas, mas destaca a presença do imigrante que teve fundamental importância no desbravamento daquele *chão*. O índio é visto na sua fase primária, não produzindo grandes alterações na paisagem antes da colonização dos *brancos*. O arroz, que durante muitos anos foi destaque na economia terenense, também é exaltado, pois foi, invariavelmente, a cultura inicial após o desmatamento nas décadas iniciais da colonização.

Naqueles tempos, os colonos⁸ passaram por muitas dificuldades, principalmente com transporte e comercialização. O sistema viário era deficiente para transportar a produção de arroz que deveria ser levado até Campo Grande para o beneficiamento. Haberland (s.d.) afirma que alguns se utilizavam de carretas de boi e outros (aqueles que não dispunham desse meio de transporte) pagavam frete até a estação ferroviária de Terenos, a fim de embarcar sua produção nos trens da antiga Noroeste do Brasil. O problema é que às vezes demorava vários dias para ocorrer o embarque. Por outro lado, quando chegavam a Campo Grande tinham que pagar outro frete para levar o arroz até a máquina de beneficiamento de um espanhol chamado Ignácio Gomes. Após essas dificuldades, o colono procedia a comercialização. Que também não era fácil, pois Campo Grande ainda era uma cidadela que demandava pequena quantidade de mercadorias.

A maioria dos produtos de necessidade para os colonos eram adquiridos próximo à estação de Terenos, no *bolicho*⁹ do italiano João Egídio Zambelli que, segundo José Martins de Almeida (informação oral) foi o primeiro da região, tendo sido comprado de outro italiano conhecido por Jacollete. A questão do beneficiamento só foi superada em 1930 quando, nas palavras de Haberland (s.d.), o alemão João Grothe e o espanhol Eduardo Perez se uniram, estabelecendo a primeira máquina de beneficiamento de arroz em Terenos. A partir de então, a comercialização era feita ora em Campo Grande, ora em Aquidauana ou Corumbá aproveitando a linha de trem.

No final da década de 1940, Terenos ganhou mais uma máquina de beneficiamento de arroz e também o primeiro posto de combustível. Tratava-se do empreendimento de Jefim Balaniuck, um russo vindo de São Paulo, atraído pela fama da grande produção rizícola local. É bom lembrar que essa colonização de que se fala se realizou no município de Terenos, num lugar que ainda hoje é conhecido como Colônia Velha. Não se tratava, portanto, do atual núcleo urbano. Este se formou somente mais tarde, motivado pelos excedentes produzidos na colônia no entorno da estação. Como apontado anteriormente, a Colônia Nova não teve as mesmas características da anterior. Foi constituída no início da década de 1930 e sua ocupação não teve presença marcante de estrangeiros (apesar de alguns alemães). Predominaram os brasileiros, com destaque para baianos, gaúchos e mineiros. O solo desta última é mais arenoso, com baixa fertilidade natural, contrastando, portanto,

⁸ O termo colonos é utilizado para identificar todas as famílias (nacionais ou estrangeiras) que receberam lotes de terra em Terenos-MS, passando, então, estabelecer cultivo de subsistência com venda de excedentes agrícolas.

⁹ Termo regional equivalente a armazém. Vende produtos bastante variados, como utensílios domésticos e agrícolas, brinquedos, doces, bebidas, fumo, cigarros, laticínios etc.

com a primeira. A colônia agrícola prosperou, ampliando as lavouras e aumentando a produção. O cultivo girava em torno do arroz, largamente cultivado para subsistência e comercialização, além do feijão e do milho, que contavam com venda dos excedentes.

Primeiramente, a terra era cultivada de maneira muito rudimentar. Tratava-se da *roça de tocos* (Figura 4), também conhecida como sistema de coivaras, que consiste em derrubar determinada área de mata com auxílio do machado e atear fogo na sequência. Depois, junta-se as sobras, atea-se fogo novamente e, finalmente se depositam as sementes no solo. Somente mais tarde (segunda metade da década de 1920), principalmente com a chegada dos imigrantes europeus e em função do conhecimento de novas técnicas, começou-se a utilizar arados puxados por cavalos e bois, depois da *destoca*. Apesar da modernização das lavouras, ainda hoje esse sistema é praticado em partes de Terenos.



Figura 4. Roça de tocos (sistema de coivaras) em Terenos-MS (Autor: Costa. E.A., 2010).

Esse fato causava admiração por parte dos antigos moradores do lugar. De acordo com José Martins de Almeida, naqueles tempos seu pai comentava que duvidava do sucesso da empreitada. Entretanto, seus olhos assistiram a uma colheita marcada por elevada produtividade jamais conhecida até então (informação oral). Esse processo revolucionou o plantio ainda mais com a chegada dos tratores em Terenos.

Haberland (s.d.) informa que os primeiros tratores chegaram a Terenos somente em 1947, com a instalação de um posto agropecuário. Esse posto funcionava aos moldes de uma associação de produtores rurais. Os implementos agrícolas poderiam ser utilizados por todos os colonos. Isso fez saltar a produção rizícola terenense.

Evidentemente Haberland se referiu à possibilidade de uso comunitária dos tratores, pois, já em 1926 a Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1958, p.301) apontava a presença de um trator, 17 veículos de tração animal, além de farto material agrícola em Terenos. Acerca dessa questão, José Martins de Almeida

informou que em 1926 chegou o primeiro trator à localidade, adquirido pela Diretoria da Colônia que, no entanto, dava muitos problemas e logo desapareceu dali. Algum tempo depois, próximo a 1930, uma família de alemães adquiriu um trator de pequeno porte, ficando, também, pouco tempo com o mesmo.

Nas décadas de 1930 e 1940 (apesar de faltar dados estatísticos oficiais comprobatórios) Terenos era o maior produtor rizícola do Estado. Deve-se lembrar que até 1953 o mesmo permaneceu como Distrito de Campo Grande, sendo, por isso, difícil a demonstração com dados numéricos referentes ao município. Contudo, pelos relatos orais se pode constatar que a produção de arroz em Campo Grande estava concentrada na área onde mais tarde seria o município de Terenos.

Como foi dito anteriormente, a partir de 1930 a comercialização do arroz produzido em Terenos passou a ser vendido, além de Campo Grande, em Aquidauana e Corumbá. Assim, a tabela 1, procura demonstrar a importância do porto de Corumbá perante as exportações nacionais de arroz nos anos de 1933 e 1934¹⁰. Corumbá perdia em volume de exportação de arroz apenas para os portos do Rio Grande do Sul – tradicional produtor de arroz.

Tabela 1. Exportação de arroz, em quilos, segundo os portos brasileiros: 1933-1934.

Portos Procedência	de 1933	1934
Manáos	22.400	-
Pará	7.800	959
Rio de Janeiro	4.600	-
Santos	43.700	61.000
São Francisco	120	-
Rio Grande	875.000	-
Pelotas	400.000	500.000
Porto Alegre	20.246.795	31.407.701
Jaguarão	720	-
Livramento	733.530	309.000
Sta. Vict. do Palmar	3.000	600
Uruguayana	982.193	826.730
São Borja	12.600	37.500
Porto S. Xavier	15.670	13.120
Corumbá	42.235	128.228
Total	23.390.363	33.284.838

Fonte: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores, 1935, p.45.

Evidentemente não se pode afirmar que toda essa exportação seria de responsabilidade da produção rizícola terenense. Entretanto, as possibilidades de Terenos responder pelo grosso dessas exportações são bastante convincentes. Primeiro porque a Colônia Agrícola situava-se próxima aos trilhos ferroviários – o que facilitaria no escoamento da produção. Depois, como já foi dito, a fama de sua produção havia atraído investimentos de outros Estados, como foi o caso de uma máquina de beneficiamento de arroz e do posto de combustíveis anteriormente mencionados e, por último, pelos depoimentos orais que narram Terenos como o grande produtor de arroz daquela época.

¹⁰ Esse mesmo porto exportou em 1933, 4.854 kg de milho e, em 1934, 108.780 kg. Portanto, quase a metade das exportações brasileiras desse produto que, naquele ano foi de 228.340 kg, segundo o Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 1935, p.68).

Não foi possível conseguir dados estatísticos capazes de elucidar a importância rizícola do município de Terenos. Os números mais antigos sobre a produção municipal estão na tabela 2, na qual se pode inferir que Terenos deveria ser, no início da década de 1950, em função dos informes orais¹¹, posição geográfica pelo fato de estar à margem da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e tempo histórico de formação (Terenos foi o primeiro objeto de colonização particular do Estado), o maior produtor de arroz do Estado.

Tabela 2. Produção de arroz com casca - sacas de 60 kg - em Mato Grosso por Municípios: 1950 - 1954.

Municípios	1950	1951	1952	1953	1954
Campo Grande	230.000	200.000	130.000	190.000	43.000
Dourados	67.500	60.000	70.000	120.000	174.000
Paranaíba	163.000	181.000	180.000	35.000	93.250
Rio Brilhante	40.000	54.000	54.000	21.000	225.000
Rosário Oeste	79.212	110.200	175.000	185.705	197.722
Terenos	-	-	-	-	96.000
Outros	461.335	409.200	388.300	443.550	777.415
Total	1.041.047	1.014.400	997.300	995.255	1.606.387

Fonte: Dados do Departamento Estadual de Estatística do Mato Grosso. *Apud.* Campos, 1955, p.46-7.

Como se pode ver, na primeira metade da década de 1950, mesmo com sua produção em relativa decadência, Terenos ainda era um grande produtor. Não se pode esquecer que sua produção estava embutida no município de Campo Grande até 1953 e que somente a partir de sua emancipação (1954) se tem dados exclusivos. Naquele momento, já despontavam novas áreas como Paranaíba, Rosário Oeste, Rio Brilhante e Dourados. O final daquela década e a seguinte não acentuaram essa decadência. Ao contrário, ocorreu um revigoramento dessa cultura com a presença de maior número de tratores no município e incorporação de novas áreas. A rizicultura teve crescimento da área plantada até 1975, quando começou a decrescer sua importância.

Dessa forma, o crescimento produtivo do setor rural foi evidente. Tal fato, aliado ao surgimento de um vilarejo ao redor da estação ferroviária, onde emergiram vários ramos comerciais, colaborou para que aquele Distrito se emancipasse como município. Isso se confirmou pela Lei Estadual n. 674, de 11 de dezembro de 1953, ratificada pela Lei Estadual n. 370, de 31 de julho de 1954. Em 31 de janeiro de 1955, tomou posse o primeiro prefeito eleito em Terenos, Guilherme Evangelista, substituindo João Batista Pereira da Rosa, que fora nomeado prefeito até então¹².

¹¹ José Martins de Almeida e Carlheinz Haberland.

¹² Na oportunidade foram eleitos, além do prefeito Guilherme Evangelista, em 03 de outubro de 1954, o vice-prefeito José Guilherme Ribas e os vereadores Valentim Nunes da Cunha (presidente da Câmara), Círio Bittencourt (vice-presidente da câmara), Elvira Matias (secretária), Peribiano de Godói e Adolfo Zampière. Também foram eleitos Braúlio Nogueira Flores, como juiz de pais e seu suplente José Martins de Almeida.

No início dos anos 80 o cultivo de arroz foi preterido pelo de algodão, soja e posteriormente pelo de milho. Hoje esse produto encontra-se em franca decadência. Esse fato não é particularidade do município de Terenos, mas do Estado do Mato Grosso do Sul e, genericamente, da região Centro Oeste. Castro e Fonseca (1994) demonstraram, baseados em dados do IBGE, que entre 1980 e 1990 a participação da produção rizícola desta região no total nacional decresceu de 32% para 13%, enquanto houve um acréscimo de 1,2% na produção nacional no mesmo período.

Entre os principais motivos estão o esgotamento dos solos e a não utilização de fertilizantes químicos - seja por desconhecimento ou resistência do produtor em usar novas tecnologias - e também a falta de definição de uma política agrícola voltada ao atendimento do pequeno produtor rural. Tudo isso contribuiu sensivelmente para aumentar o êxodo que o município conheceu nos últimos anos. Contudo isso será discutido mais adiante. Antes, convém destacar um novo elemento no contexto terenense que vai ampliar a diversidade de raças na composição cultural da localidade.

Em 1959 se estabeleceu no município, próximo à estação Pedro Celestino da NOB, a 18 km da cidade de Terenos, uma colônia de japoneses vindos diretamente do Japão, trazidos pela JAMIC - Japan Management Immigration Company (Companhia Japonesa para Administração de Imigrações). Esta companhia era responsável pelo assentamento de japoneses no pós-Segunda Guerra Mundial em diversas partes do globo.

A Fazenda Várzea Alegre, comprada do governo brasileiro pela JAMIC, era propriedade da Companhia Herman Schtolz até a Segunda Guerra Mundial. Por se tratar de uma empresa alemã, essa área foi desapropriada pelo governo federal no final da guerra e mais tarde vendida aos japoneses. Inicialmente vieram 8 famílias, que se tornaram aproximadamente 70, ocupando 38 mil hectares comprados pela JAICA - Japan International Cooperation Agency (Agência de Cooperação Internacional do Japão) com sede em Tóquio.

Os colonos recebiam lotes de 25 ha, pois não estavam acostumados a trabalhar em grandes propriedades, e com o passar do tempo foram ampliando as mesmas. Atualmente, as propriedades desses colonos variam entre 60 e 300 ha. O restante das terras é arrendado para terceiros, geralmente de nacionalidade brasileira. No início plantaram algodão, arroz e formaram pomar. Contudo, a produção fracassou e muitos se revoltaram, desejando voltar ao Japão. A empresa colonizadora incentivou-os a trocar seus ramos de atividade pela produção de ovos de galinhas, sendo criada em 1962, a Cooperativa Agrícola Mista de Várzea Alegre - CAMVA (FARIAS, 1991).

Muito rapidamente a colônia japonesa transformou Terenos no maior produtor de ovos de galinha do Estado, conferindo um papel de destaque no cenário regional. A figura 5 apresenta um comparativo da produção terenense de ovos, dentro da produção estadual. Nela se pode perceber a importância da produção de ovos do município, que sai praticamente toda da Colônia JAMIC.

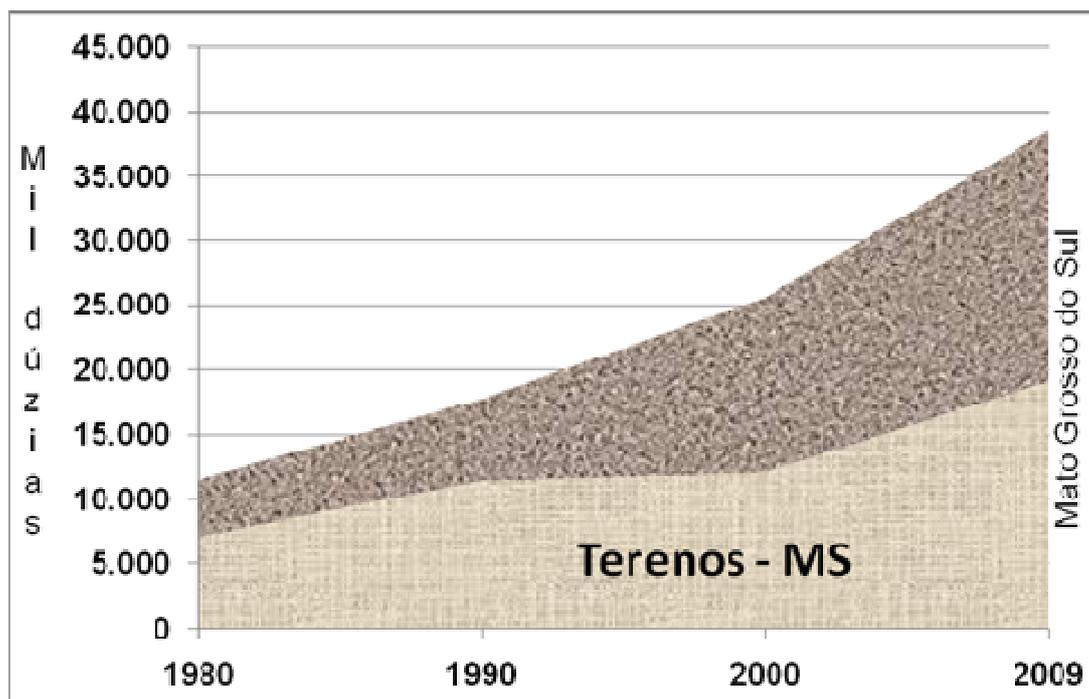


Figura 5. Comparativo da produção de ovos de Terenos em Mato Grosso do Sul – 1980-2009.

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal, 2011b.
Org. pelo autor.

Em matéria publicada na Revista Panorama Rural, Mesquita (2010) informou que 59,22% da produção de ovos são vendidos em Mato Grosso do Sul, com destaque para Campo Grande (quase 40% do total geral), 22,21% em Mato Grosso (Rondonópolis e Cuiabá), 6,42% para atacadistas de São Paulo e Minas Gerais e 12,15% são destinados à indústrias de ovos desidratados (ovo em pó) nos municípios paulistas de Salto e Sorocaba. São cerca de 50 mil dúzias diárias que saem da sede da cooperativa, em Terenos, em direção aos mercados compradores.

Com respeito às Colônia Nova e Velha, mencionadas anteriormente, percebeu-se certa mobilidade ocupacional em alguns representantes da pequena produção familiar. Isso porque muitos deixaram a produção associada de arroz, milho e feijão para o algodão e depois a soja. Logo, foi trocada a base produtiva que se sustentava na agricultura familiar com elevada contratação de mão de obra durante a limpeza¹³ e colheita para um sistema altamente mecanizado. O esgotamento da fertilidade natural dos solos e a deficiência pluvial, muito em função de sua concentração, levaram ao fracasso dessas lavouras. A saída foi se valer das pastagens para a criação de gado bovino. A figura 6 mostra a dinâmica das principais culturas agrícolas no município de Terenos, indicando todas elas para a estagnação.

¹³ Meu pai contratava entre 10 e 30 peões para a colheita de 50 hectares de arroz, em terras arrendadas. Durante a limpeza (capinagem) eram contratados até 10 peões diariamente por cerca de duas semanas.

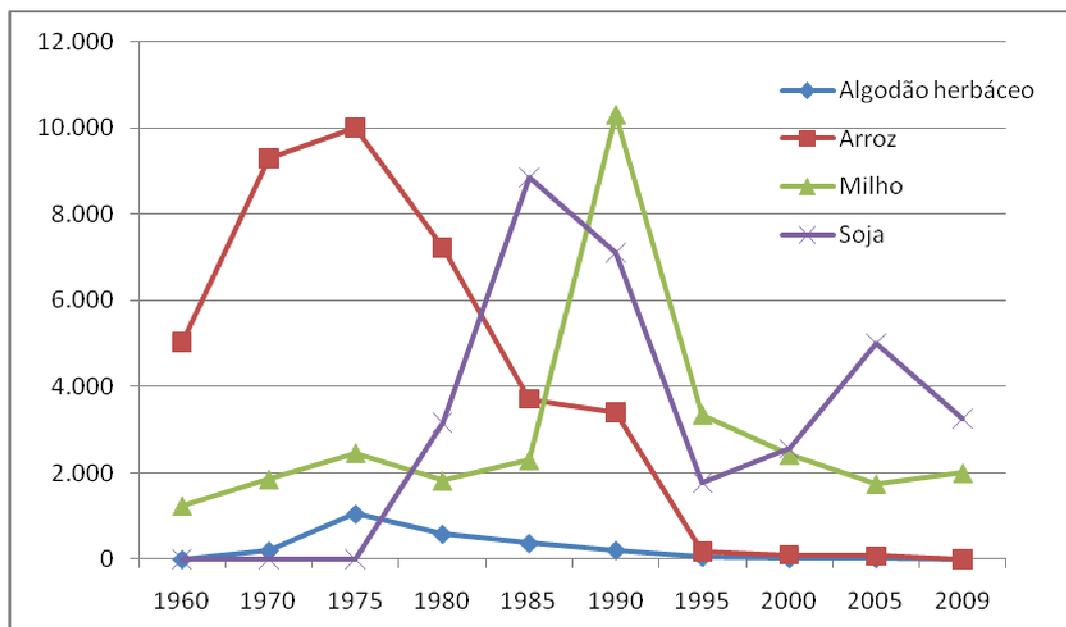


Figura 6. Área plantada das principais culturas agrícolas no município de Terenos - 1960 a 2009.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (2011a). Censo Agrícola (1960) e Censo Agropecuário (1970).
Org. pelo autor.

Em Costa (1996) se acreditava que o único produto que ainda se manteria com razoável produção em Terenos seria o milho, que poderia até mesmo elevar a área plantada. Isso em função da política que o mesmo vinha merecendo por parte do governo na região e também pela evolução da demanda de ração. Tanto que a dívida dos produtores integrados às agroindústrias de abate de frango foram convertidas neste produto, podendo o produtor optar pelo pagamento em dinheiro ou em espécie. A figura 6 mostrou o equívoco, tendo o cultivo do milho reduzido sistematicamente. Surpreendentemente, talvez em razão dos bons preços internacionais, a soja, apesar do decréscimo de cultivo após 1985, tornou-se o principal cultivo agrícola do município sem, entretanto, grande expressão.

Essa situação estimulou o êxodo de indivíduos mais jovens para as cidades, em especial para Campo Grande¹⁴. Mas a partir do início da década de 1990 um novo agente territorial iria induzir profundas modificações na paisagem agrária terenense: os abatedouros de frango se estabeleceram na região incentivando o processo de integração com os agricultores familiares que construíram seus barracões com recursos do FCO - Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste.

Essa situação foi, certamente, fruto da expansão capitalista no campo brasileiro e da subordinação deste ao capital industrial. Assim, Terenos ocupando uma posição estratégica perante o maior mercado consumidor do Estado passou a ser objeto de desejo para o sistema de integração avícola. A estrutura fundiária das colônias ajudou na atração, pois a agricultura familiar era, naquele momento, declaradamente o principal condicionador para a criação de frangos.

¹⁴ Tal afirmativa prende-se na experiência de vida do pesquisador que viveu neste período na região e, que como muitos outros, migrou para Campo Grande, ficando, neste caso, os pais e os demais irmãos ainda na propriedade.

As agroindústrias abatedouras de frango exerceram forte influência na paisagem terenense por aproximadamente quinze anos – de 1990 a 2005. A partir daí foram perdendo vigor, a ponto da Frango Vit, com matriz em Londrina e filial no Núcleo Industrial de Campo Grande, encerrar sua planta industrial, sem conseguir atrair novo comprador.

Também, a Agroeliane, que montara um abatedouro de frangos em Sidrolândia, município vizinho, voltado totalmente para exportação, vendeu sua planta para a Sadia que se tornou muito mais exigente com a qualidade do produto. Isso provocou a saída de muitos integrados, ainda mais quando a Sadia (Seara Alimentos S.A) vendeu o complexo industrial para a Cargil Alimentos S.A.

Sendo assim, muitos daqueles agricultores familiares voltaram a se dedicar à pecuária leiteira. Existem alguns investimentos em qualidade do rebanho, com inseminação artificial e consequente melhoramento genético, além de aprimoramento no manejo das pastagens. Também foram introduzidos novos cultivares e suplementação alimentar do rebanho. Essas condições e a localização estratégica frente a mercados consumidores que aliado ao esforço político municipal atraiu a construção da primeira fábrica de leite em pó de Mato Grosso do Sul. O investimento da ordem de 30 milhões de reais é do Grupo Vencedor e deverá ser a maior indústria de laticínios do estado, gerando 300 empregos diretos.

Em 1987 ocorreu o primeiro assentamento rural no município, quase na divisa de Sidrolândia, nas proximidades do distrito Quebra Coco. Foram entregues 60 lotes pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), resultando no Projeto de Assentamento Campo Verde. Mais tarde outros assentamentos foram criados (Tabela 3), diversificando as atividades produtivas terenenses e ampliando a participação econômica da agricultura familiar.

Tabela 3. Assentamentos rurais do município de Terenos-MS: 1989 a 2010.

Denominação do Projeto	Área (ha)	N.º Famílias	de Ano de criação
Campo Verde	1.918,55	60	1987
Patagônia	3.502,89	128	1997
Nova Querência	3.864,61	158	1997
Paraíso	3.308,40	98	1997
Santa Mônica	7.960,25	715	2005

Fonte: INCRA/MS, 2010.

Além desses, Terenos possui seis assentamentos do Banco da Terra, que passou a ser denominado de Programa de Crédito Fundiário, compostos por lotes menores e organizados nas associações: Assafur, Canaã, Guaicurus, Guariroba, Pontalzinho e Safira. São unidades pequenas de até 5 hectares individuais que procuram desenvolver atividades correlatas para se apropriarem de crédito para o sistema produtivo.

6. As marcas da colonização na paisagem rural das colônias Velha e Nova

Essa mistura de raças influenciou decisivamente nos costumes locais, mas não foi suficiente para garantir a cooperação e a permanência das tradições estrangeiras ou dos migrantes de outras partes do Brasil. Nem mesmo a música ou a culinária alemã cativaram os gostos locais, talvez por conta de sua força migratória tiver ocorrido no período entre as duas guerras mundiais, inibindo as manifestações culturais desse povo.

Igualmente, não ficaram influências dos búlgaros e eslavos, de uma maneira geral na cultura local. Houve, sim, a miscigenação dos povos com os casamentos interétnicos e uma importante transformação na forma de uso do solo. Na comida caseira do cotidiano, estão o arroz e o feijão, acompanhados por bife de carne bovina. O desjejum (tira-jejum, na linguagem local) já foi modificado pela influência citadina e facilidade de acesso aos serviços urbanos. Antigamente (até os anos 1980) era feito com arroz e ovo, sendo substituído por pão ou bolo caseiro acompanhado por leite e café. O prato servido nas festas sempre foi o churrasco assado em buraco, servido com arroz e mandioca. Mais recentemente é que se construiu uma churrasqueira na Associação de Moradores das colônias Velha e Nova (anos 1990) e que tem atraído a realização das festas.

A Associação de Desenvolvimento Comunitário das colônias Nova e Velha de Terenos-MS foi criada em 14 de setembro de 1984, com sede na Colônia Nova. É uma entidade civil, sem fins lucrativos e em conformidade com seu Estatuto tem por objetivos: promover o desenvolvimento comunitário através da realização de obras e melhoramentos, com recursos próprios ou obtidos por doação ou empréstimo; proporcionar a melhoria do convívio entre os habitantes do lugar, através da integração de seus moradores; proporcionar aos associados e seus dependentes, atividades econômicas, culturais e desportivas e; promover atividades assistenciais, diretamente ou através de instituições filantrópicas.

A Associação contava, ao final de 2010, com 102 famílias associadas, dispendo de um terreno com uma hectare (1 ha) com os seguintes equipamentos e infraestrutura: salão com 650 m² (Figura 7); garagem de máquinas e equipamentos; reservatório d'água com 630 m³; poço artesiano; churrasqueira; quadra de futebol suíço; 2 resfriadores de leite; 2 tratores Massey (275 e 292); grades aradora e niveladora; ensiladeira; calcareador; 2 reboques, dentre outros.



Figura 7. Vista geral da Associação, na Colônia Nova, Terenos-MS, em 2010.
Fonte: Associação de Desenvolvimento Comunitário das colônias Nova e Velha de Terenos-MS, 2010.

A Associação presta os seguintes serviços: preparo e correção de solo, além de plantio com preços subsidiados aos sócios; recebimento e comercialização de aproximadamente 2.000 litros de leite/dia; promoção de festas, torneios, bailes, reuniões, palestras e cursos e serviços de borracharia.

A Associação passou a ser o ponto de encontro, mas somente nos dias de reunião sem um calendário fixo (não existem reuniões ordinárias programadas) e de festa. Os casamentos e as comemorações de aniversário com grandes públicos passaram a acontecer no espaço da associação e não mais nos quintais das casas das famílias tradicionais.

Contudo, as colônias perderam a movimentação intensa de pessoas, o “agito” da vida cotidiana e dos finais de semana. Até a década de 1980, o deslocamento dos alunos para a escola era feito à pé (em distâncias de até 5 km diários para ida e outros tantos para volta), ou utilizando bicicletas ou cavalos. Havia, portanto, mais tempo para contatos durante o trajeto. A partir dos anos 1990 começou a circular o ônibus escolar, favorecendo sobremaneira os deslocamentos dos alunos, mas inibindo essa prática nas estradas.

Outra modificação importante que a estagnação das atividades agrícolas trouxe foi o esvaziamento da população adulta em idade laboral. Com a falta de atividades de subsistência e de trabalho ocorreu um fluxo elevado de pessoas das colônias para as cidades (Terenos e Campo Grande, principalmente). Como reflexo disso, perderam-se os pontos de encontro nos finais de semana e os espaços de lazer. No início dos anos 1990, existiam três grandes times de futebol nas colônias: o Beira Rio, na Colônia Velha; o Central e o time dos Pretos na Colônia Nova. Cada um deles possuía um campo de futebol, e promovia jogos aos domingos. Invariavelmente vinham dois times das cidades de Campo Grande ou Terenos para cada um desses campos de futebol, pois cada time tinha duas equipes: A e B (ou segundinho, como era chamado localmente). Existiam, ainda, dois times de menor expressão em termos de torcedores: o Carrapicho (que utilizava o campo de futebol do Central), na sua maioria de trabalhadores nordestinos, catadores de algodão, e o time da Fazenda Coqueiro, mais distante na direção norte dos demais (cerca de 15 km ao norte do campo dos Pretos, sendo o mais distante da cidade de Terenos – 50 km).

Os campos de futebol funcionavam como o ponto de encontro da população das colônias. Eram centenas de frequentadores entre pessoas que iam jogar futebol, torcedores e aqueles que iam ao bar jogar sinuca e beber. Era onde os moradores locais se encontravam, falavam do cotidiano, estabeleciam negócios e onde se contratava trabalho/trabalhadores. Portanto, muito mais do que um simples local de lazer.

No início dos anos 2000, já como reflexo do intenso êxodo de trabalhadores rurais, os times de futebol Central e Beira Rio, juntamente com seus campos, deixaram de existir. O time dos Pretos também deixou de vigorar, mas manteve o campo de futebol, agora vinculado a associação quilombola. O futebol passou a ser praticado, com pequeno público, na associação das colônias, perdendo a dinâmica anterior.

Outro elemento marcante foi a eliminação da linha de ônibus diária que funcionava de Campo Grande até a Colônia Nova. Com a introdução do processo de produção integrada de frangos e a consequente renda frequente que foi gerada, muitos proprietários rurais adquiriram veículos, principalmente motocicletas. Assim, o êxodo de trabalhadores e a aquisição de veículos corroboraram para a pequena procura pelo ônibus, inviabilizando a linha.

A sede da antiga colônia agrícola foi abandonada. A área na qual se encontra foi entregue para a Embrapa que não tem desenvolvido experiências na propriedade, ficando, a construção, em estado de abandono (Figura 8). Durante as pesquisas para a dissertação de mestrado verificamos que existe uma grande quantidade de fotografias antigas com as famílias dos descendentes dos colonos. Também,

observamos equipamentos que foram construídos e utilizados nos anos 1930 em diante, como tear, arados puxados a tração animal, dentre outros. São memórias que poderiam contar a história da primeira colônia agrícola do estado de Mato Grosso. O prédio, se restaurado, poderia muito bem se transformar num museu, mas ainda não foi objeto de desejo dos políticos que dirigem o município.



Figura 8. Prédio da antiga sede da Colônia Agrícola de Terenos.
Autor: Costa, E.A., 2011.

Nas proximidades está localizado um frigorífico, cuja influência é considerável no município, a ponto de conseguir que a Prefeitura, juntamente o governo estadual, fizessem a pavimentação asfáltica da sede até a BR 262, numa distância de 5 km. O asfalto foi construído na estrada da Colônia Velha, da rodovia até a antiga sede da Colônia Agrícola e dali inflexionando para a esquerda até a sede do mesmo. O frigorífico opera com uma quantidade de abate variando entre quinhentos e mil cabeças de bovinos/dia.

Além do frigorífico, que frequentemente troca de nome (a partir de 2010 passou a se chamar Peri Alimentos), há mais de três décadas a Mineração Campo Grande explora basalto nas proximidades da cidade de Terenos (1,5 km), utilizando a mesma estrada. São produzidos diversos tipos de materiais que vão do pó de pedra até a brita.

Portanto, não restaram muitas rugosidades, hábitos sociais ou tradições do passado glorioso da Colônia Agrícola. A paisagem foi modificada, sendo que as atividades agrícolas deram lugar à pecuária bovina, predominando as pastagens plantadas. Entretanto, ainda restam alguns descendentes europeus (alemães e búlgaros, principalmente) que permanecem na localidade e que são fontes das histórias transmitidas oralmente de pai para filho.

6. Conclusão

A formação de Terenos como primeira colônia de povoamento do antigo estado de Mato Grosso sempre foi esquecida e, portanto, desconhecida local, regional e nacionalmente. Contudo, a experiência produtiva da Colônia, em meados do século XX, demonstrou que o processo de hibridização cultural permite, dentre outros, inúmeros ganhos econômico. As territorialidades dos colonos vindos da Europa no espaço agrário terenense induziram mudanças nas técnicas de uso do solo até então praticadas na localidade. Apesar da grande quantidade de alemães no início da colonização, não ficaram legados culturais desse povo na música ou na culinária terenense.

O fato é que o espaço rural do município passou por inúmeras transformações paisagísticas. As colônias Velha e Nova, objetos das primeiras ocupações naquele território, desbravaram as matas para o cultivo do arroz, passando para a associação com o milho, depois algodão, soja e pastagens. Houve uma tentativa com a produção integrada de frangos, mas a pecuária bovina leiteira e de corte é que se firmou neste início do século XXI.

Não se pretendeu esgotar todos os detalhes da ocupação de Terenos e das transformações territoriais do uso do solo. A ideia foi resgatar uma importante passagem histórica da ocupação da fronteira agrícola no Mato Grosso numa visão geográfica, discutindo as interações culturais na produção do espaço rural.

Referências

ALVES, Gilberto Luiz. Mato Grosso e a história: 1870 - 1929. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 61, 1984, p.5-81.

AZEVEDO, Fernando de. **Um trem corre para o oeste**: estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1950.

BRASIL. **Recursos, possibilidades e desenvolvimento**: estatísticas e diagramas. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1932.

CAMPOS, Fausto Vieira. **Retrato de Mato Grosso**. São Paulo: s.ed., 1955.

CASTRO, Ana Célia; FONSECA, Maria da Graça D. O potencial do agribusiness na fronteira. **Revista de Economia Política**, v.14, n.1 (53), jan./mar. 1994, p.63-84.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969. (col. Cultura brasileira, Série Estudos, 2).

COSTA, Edgar Aparecido da. **A integração da pequena produção familiar de Terenos-MS às agroindústrias abatedouras de frango**. Presidente Prudente-SP: UNESP, 1998. 176 f. Dissertação (Mestrado em Geografia).

FARIAS, Florisbela. Jamic: sonho de fartura. **Revista Arca**, Campo Grande-MS, n. 2, ago/1991, p.22-25.

FIGUEIREDO, Alvanir. **A presença geoeconômica da atividade ervateira**. Presidente Prudente-SP: UNESP, 1968. 436 f. Tese (Doutorado em Geografia).

GIOVANNETTI, Gilberto; LACERDA, Madalena. **Dicionário de geografia**: termos, expressões, conceitos. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

GOODMAN, David. Expansão da fronteira e colonização rural: recente política de desenvolvimento no Centro-Oeste do Brasil. In. **Dimensões do desenvolvimento brasileiro**. BAER, W.; GEIGER, P.P.; HADDAD, P.R. (coords.). Rio de Janeiro: Campus, 1978, p.301-337.

HABERLAND, Carlheinz. **A história de Terenos**. [s.n.t.] (mimeo).

IBGE. **Censo Agrícola de 1960**. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

IBGE. **Censo Agropecuário de 1970**. Rio de Janeiro: IBGE, 1974.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios**. Vol. XXXV. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, p.300-3.

IBGE. **Pesquisa Agrícola Municipal** – PAM online. Rio de Janeiro: IBGE, 2011a.

IBGE. **Pesquisa da Pecuária Municipal** – PPM online. Rio de Janeiro: IBGE, 2011b.

IBGE. **Resultados do Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011c.

KANAZAWA, Paulo Shiguenori. **Variabilidade climática e previsões**: aplicabilidade dos satélites de observações ambientais como instrumento de planejamento do desenvolvimento local. Campo Grande: UCDB, 2003. 110 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local).

LINHARES, Temístocles. **História econômica do mate**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

MESQUITA, Ariosto. Ovo do Oriente. Comunidade nipônica comemora produção diária de mais de meio milhão de ovos no interior do MS. **Panorama rural**. A Revista do Agronegócio online. N.140, Out 2010. Disponível em <http://www.panoramarural.com.br> Acessado em 02 mar 2011.

POMER, León. **La guerra del Paraguay**: gran negocio! Buenos Aires: Ediciones Caldén, 1968.

RIBEIRO, Lélia Rita Estevão de Figueiredo. **O homem e a terra**. Campo Grande – MS: [s.n.], 1993.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

TOLENTINO, Terezinha Lima. **Ocupação do sul de Mato Grosso antes e depois da guerra da tríplice aliança**. São Paulo: Fundação Escola da Sociologia e Política de São Paulo, 1986.